



A APLICABILIDADE TEOLÓGICA DA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS: A SOCIEDADE DO ANEL

Danilo Pinto dos Santos¹
Pe. Maurício S. Ferreira²

Resumo: *A aplicabilidade da obra O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel à Teologia é o fio condutor deste trabalho. De modo que, inspirados na fé cristã, analisamos a inexorabilidade do mal, uma possível positividade da morte e o entendimento de providência. Estes temas são possibilitados por Tolkien nesta primeira parte de sua obra, onde verificamos de que modo podem auxiliar o homem contemporâneo na resposta a questões que lhes são existenciais.*

Palavras-chave: Mal; Morte; Providência.

“Todos os que pensam sabem que sempre encontrarão na vida coisas que parecem simples, banais mesmo, mas que a simplicidade aparente é apenas o reverso da profundidade e riqueza de significado que essas coisas possuem”.³ Pois bem, desde que me deparei, ainda na adolescência, com a obra *O Senhor dos Anéis*, do escritor J. R. R. Tolkien, fiquei perguntando-me se aqueles hobbits, magos, elfos, orcs, ents, e anéis não poderiam significar outra coisa além de um engenhoso conto de fadas. Instigado por isto resolvi empreender uma aventura, de não pouca envergadura, na tentativa de descobrir que “aplicabilidade variada ao pensamento”⁴ esta obra pode ter. E de modo proporcionalmente desafiante, se ela pode favorecer uma reflexão inspirada na fé.

Mas, quem é John Ronald Reuel Tolkien? Como é este mundo criado por ele, e quem são os seres que o povoam? No que consiste a Saga do Um Anel? Pode *O Senhor dos Anéis* oferecer alguma contribuição à Teologia? E se possível, que reflexões encontramos acerca do mal, da morte e da providência nesta mitologia forjada por Tolkien? Responder a estas questões é o que nos propomos nas linhas abaixo, para tal analisaremos o primeiro livro da obra *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*.

John Ronald Reuel Tolkien nasceu, em 1892, na África do Sul e mudou-se para a Inglaterra aos três anos de idade, com sua mãe e irmãos, onde permaneceu depois da morte de seu pai. Alguns anos mais tarde, a sua mãe converte-se do Anglicanismo ao Catolicismo, junto com os seus filhos. Fato que bastante influenciará a sua obra. Com o falecimento de sua mãe, Tolkien e seu irmão ficam sob os cuidados do padre Francis Morgan até atingirem a maioridade.

¹ Autor - Graduando do curso de Teologia, cursando o 9º semestre, da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

² Orientador - Professor Doutor do Curso de teologia da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

³ Guardini, Romano. *Aceitação de Si Mesmo*.

⁴ Tolkien, J.R.R. *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*. Prefácio, p.13.



Neste mesmo período conhece aquela que mais tarde se tornará a sua esposa e com quem terá quatro filhos, Edith Bratt.

Cumpramos lembrar que a infância de Tolkien foi marcada pelo trânsito entre dois estilos de vida muito distintos, a vida rural na cidade de Sarehole e a vida urbana na cidade de Birmingham. Outro aspecto importante a ser ressaltado está no seu interesse pelas línguas, conhecia cerca de dezesseis idiomas, além dos criados por ele mesmo. Em 1908 iniciou a sua carreira acadêmica no Exeter College, da Universidade de Oxford. E, em 1916, logo após casar-se e receber com honras o diploma de licenciatura em Língua Inglesa, é convocado a servir na Grande Guerra por onde fica por quatro meses até contrair uma doença semelhante à febre tifo e ser reenviado à Inglaterra.

Durante a sua vida acadêmica aprimorou ainda mais as suas pesquisas na área da filologia e literatura nórdica. Paixões que o levariam a formar algumas *sociedades* ao longo de sua vida. Em um destes grupos intitulado de *The Inklings*, Tolkien aprofundou uma de suas relações mais profundas e complicadas com o escritor e amigo C.S. Lewis, autor do clássico *As Crônicas de Nárnia*. É importante ressaltar que, Tolkien contribuiu de sobremaneira para a conversão de Lewis do Gnosticismo para o Catolicismo, embora ele tenha preferido o Anglicanismo, religião na qual fora educado.

Nos anos posteriores, nasceram os filhos de Tolkien, situação que muito contribuiu para desenvolver a habilidade de contar histórias. De modo que, no ano de 1937, publicou o seu primeiro livro, *O Hobbit*. Tamanho foi o sucesso que os editores solicitaram uma continuação do livro, que resultou dezesseis anos depois na publicação da homônima obra *O Senhor dos Anéis*, do qual nos encarregaremos, agora, de uma breve síntese.

Os relatos que analisamos aconteceram nos últimos anos da Terceira Era da Terra Média, lugar que corresponde à Europa em tempos imemoriais. Num vilarejo da Terra Média chamado Condado, um *hobbit*, Frodo Bolseiro, recebe do tio Bilbo um incomum anel na noite da festa do seu onzentésimo aniversário. Ao ver este anel, o mago Gandalf, O Cinzento, percebe nele algo incomum, o anel era capaz de tornar aqueles que o usassem invisíveis. Este era um artefato mágico, o Um Anel forjado por Sauron, Senhor do Escuro, a fim de dominar os outros seres que povoavam a Terra Média.

Aconselhado por Gandalf a deixar o Condado dado o perigo do Anel do Poder, Frodo parte com o seu jardineiro Samwise Gamgee, acompanhando-o neste trajeto dois outros hobbits, Merry e Pippin. Perseguidos pelos *Espectros do Anel*⁵, antigos reis da Terra Média que se corromperam associando-se a Sauron, chegam à cidade de Bri, onde encontram Passolargo, um guardião da Terra Média, amigo de Gandalf, descendente de Isildur e do reino de Gondor.

Passolargo, cujo nome verdadeiro é Aragorn, os guia até Valfenda, onde poderiam encontrar ajuda sobre o que fazer com o Anel. Neste caminho entre Bri e Valfenda, são atacados no Topo do Vento pelos Cavaleiros Negros que ferem Frodo gravemente com sua espada. Nesse interím, Aragorn, possuidor do dom da cura, tenta salvá-lo, contudo, o máximo que consegue é retardar o efeito do ferimento que muito rapidamente tomava conta do seu corpo. Com muita

⁵ Os Espectros do Anel também são chamados de *Cavaleiros Negros*.



dificuldade e ainda perseguidos pelos Espectros do Anel, Frodo consegue chegar à tempo de ser curado por Elrond, “o Mestre das Curas”⁶, em Valfenda.

Em Valfenda, Frodo e os seus amigos conhecem os elfos, seres imortais e reconhecidos por sua beleza e sabedoria. Para lá também acorreram representantes dos diversos povos livres habitantes da Terra Média, querendo ouvir conselhos de Elrond, mestre de Valfenda, acerca da *sombra* que avançava sobre o mundo e que começava a assustar os seus povos. Formaram, assim, o Conselho de Elrond no qual foram apresentados as questões em torno do Anel e sondadas as melhores alternativas de resolvê-las. Verificada a impossibilidade de utilizar o Anel contra o inimigo e de destruí-lo por outros meios, inferem que ele deve ser levado à Montanha da Perdição, “na Terra de Mordor onde as Sombras do inimigo se deitam”⁷, e no lugar onde o Um Anel foi forjado, destruí-lo. Para tal empreendimento, é formada a *Sociedade do Anel*, esta composta por nove membros, a saber, os quatro hobbits (Frodo, Sam, Merry e Pippin), dois humanos (Aragorn e Boromir), um elfo (Legolas), um anão (Gimli) e o mago (Gandalf). Dos integrantes, Gandalf assume a liderança e Frodo recebe o encargo de ser o Portador do Anel, aquele que deveria lançá-lo nos Fendas da Perdição.

A Sociedade, então, avança rumo à Terra de Mordor, tentam passar através das Montanhas Nebulosas e impedidos pela neve são obrigados a passar por dentro das Minas de Moria, reino dos anões. Lá são atacados por orcs e pelo “medo inominável”⁸, um demônio do mundo antigo libertado pelos anões no tempo de suas escavações. Neste confronto, Gandalf é morto pelo Balrog e os companheiros sobreviventes vão a Lothlórien, floresta da rainha élfica Galadriel. No Reino de Lórien recebem ajuda e orientações, e logo após se recuperarem da investida dos orcs e da morte de Gandalf, a Sociedade do Anel parte em direção ao Sul, agora, sob a liderança de Aragorn.

A Comitativa do Anel segue viagem pelo rio Anduim e numa parada nas proximidades das cataratas de Rauros a Sociedade encontra a sua dispersão. Boromir tenta roubar de Frodo o Anel do Poder, que em resposta foge e decide ir sozinho para a Montanha de Fogo de Mordor. Neste contexto, são novamente atacados por orcs enviados do Senhor do Escuro, e por uruk-hais⁹ enviados de Saruman o Branco, mago traidor que foi seduzido pelo mal. Com este confronto a Sociedade é dispersada, Merry e Pippin são capturados pelos uruk-hai, Boromir morre defendendo-os, Aragorn, Legolas e Gimli partem para resgatar os hobbits capturados, Frodo e Sam fogem sozinhos para a Terra de Mordor.

A inexorabilidade do mal.

O fio condutor do qual acompanhamos o desenovelar é o enfrentamento do mal, por parte das criaturas de bondade na conhecida *Guerra do Anel*. Mas, qual a natureza desta força que se revela tão implacável a ponto de atingir os de mais pura intenção como os hobbits do Condado, como Deagól, Smeágol e Bilbo Bolseiro? Tendo atrás de si estes hobbits que tentaram,

⁶ SdA I.P. 234

⁷ Poema da p. 7. O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel.

⁸ SdA. I p.254.

⁹ Orcs mais desenvolvidos que explicaremos mais adiante.



vemos adensar-se diante de Frodo a *tensão* e o *fardo* de carregar o Um Anel no seu percurso para o vilarejo de Bri. “*Um medo repentino e insensato de ser descoberto tomou conta de Frodo, que pensou no Anel. (...) A vontade de retirá-lo do bolso se tornou tão forte que sua mão começou lentamente a se mover. Sentia que era só colocá-lo e ficaria a salvo*”¹⁰. Como Frodo, cômico de sua fragilidade e pequenez, poderia conviver com a presença do mal, o Um Anel, até que ele fosse destruído, sem por ele ser seduzido?

No transcorrer da narrativa, Tolkien apresenta outros aspectos e efeitos do mistério do mal, para o qual este se apresenta através da separação e da fragmentação, quando coloca na boca do elfo Haldir a seguinte afirmação: “*Pode ser loucura, mas na verdade o poder do Senhor do Escuro nunca se manifestou tão claramente como na hostilidade que divide todos aqueles que se opõem a ele*”¹¹. A própria palavra diabo, tem na sua gênese grega no termo *diabolos* que significa dividir. E mais uma vez, vemos Tolkien traduzi-lo em Saruman que, depois de corrompido pelo mal, não mais se apresenta como Saruman, o Branco, mas Saruman, *de Todas as Cores*. “*Branco!*, zombou ele. *‘Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco; a luz branca pode ser decomposta*’¹².”

Em não raros momentos da narrativa, vemos Frodo se deparar com outras implacáveis figurações do mal, como o daqueles de quem, do líder, “emana um pavor mortal”¹³, os *Cavaleiros Negros*, os repugnantes *orcs*, e os violentos *uruk-hai*. Estes não eram maus desde a sua origem. Os Cavaleiros Negros, por exemplo, foram os homens a quem foram entregues os nove anéis mágicos e que se deixaram corromper pelo mal.

Numa de suas cartas Tolkien afirma que “*em lugar algum se afirma claramente que os Orcs (...) sejam de alguma origem particular. Porém, visto que são servos do Poder do Escuro*”¹⁴, e posteriormente de Sauron, nenhum dos quais capazes de produzir criaturas vivas, eles devem ser ‘*corrupções*’”¹⁵. A palavra corrupção origina-se do latim *corrumpo* que significa estragar, destruir e corromper¹⁶. Em outro relato, este para o seu filho Christopher Tolkien, o autor nos fala desta *corrupção* de orcs e homens, a saber, “*Uruk-hai é apenas uma figura de linguagem. Não há Uruks genuínos, isto é, pessoas tornadas más pela intenção de seu criador*”¹⁷. Para Tolkien, o mal, ou o *Poder do Escuro*, não tem o poder de criar. De modo que, incontestemente com esta situação, agindo por outros meios, o mal deforma a boa criação.

Observamos, no escritor J. R. R. Tolkien, uma inspiração genuinamente agostiniana acerca do mal, para o qual “o mal de fato não é; ele não possui outra posição senão a de

¹⁰ TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*, p. 73. Convencionamos chamá-lo de *SdA I*.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 369.

¹² Idem, *ibidem*, p. 274.

¹³ Idem, *ibidem*, p.272.

¹⁴ Tolkien, aqui, se refere ao primeiro Senhor do Escuro do qual Sauron era servo, Morgorth.

¹⁵ CARPENTER, Humphrey. *As Cartas de J.R. R. Tolkien*. Carta Nº 144. P. 178.

¹⁶ Dicionário latim português. P. 117

¹⁷ Idem. *Ibidem*. Nº 78. P.95.



‘privação do bem’¹⁸. Não possuindo, dessa forma, o mal um estatuto ontológico. “Pois nada é mau no início. Até mesmo Sauron não era”¹⁹. Sauron, na verdade, é um espírito que foi corrompido pelo primeiro Senhor do Escuro Morgorth.

“Foi-lhe dada uma oportunidade de arrependimento, quando Morgoth foi derrotado, mas não pôde encarar a humilhação da retratação e da súplica pelo perdão; e, assim, sua inclinação temporária para o bem e para a “benevolência” terminou em uma recaída maior, até que se tornasse o principal representante do Mal de eras posteriores”.

A respeito do mal, durante o Conselho de Elrond, os povos livres da Terra Média são colocados diante de outra questão por Boromir, filho do regente de Gondor: “*Porque não considerar que o Grande Anel chegou às nossas mãos para nos servir, justamente nesta hora de necessidade? Controlando-o, os Senhores Livres dos Livres podem certamente derrotar o Inimigo*”. Contudo, para Tolkien, o mal não pode ser vencido por suas próprias forças, nem a ele responder com *um mal menor*, sob pena de também este que se arvora a enfrentá-lo com suas armas, tornar-se também mau. Sobre isto, fala-nos o sábio elfo Elrond, “*Considerare Saruman. Se algum dos Sábios derrotasse com este Anel o Senhor de Mordor (...) então se colocaria no trono de Sauron, e um outro Senhor do Escuro surgiria*”. A Sociedade, portanto, não pode acolher o que é mau, senão transportá-lo até que seja aniquilado.

O alívio do fardo do tempo.

Curioso observar que na trama forjada por Tolkien, os elfos da Terra Média, inspirados nas lendas nórdicas, são como que seres humanos altamente refinados e de grande beleza, além de admirados pela maioria das raças. Seres de quem Tolkien diz emanar “luz nos rostos”²⁰, e dos quais os “*sons de vozes tão variadas e bonitas que o [Pippin] faziam sentir-se como se estivesse sonhando acordado*”. Somado a isto, eram dotados de grande sabedoria, como bem verificamos na resposta de Elrond a Boromir, quando surge uma dúvida a respeito do uso do Anel. Mas, qual a fonte desta sabedoria, e o que faz dentre os seres da Terra Média, os elfos tão experimentados? E porque são os seus reinos tão belos e encantadores?

Os elfos adquiriram grande sabedoria, diferentemente de todas as outras criaturas da Terra Média, porque eles são imortais, possuindo uma “duração indefinida de vida”²¹. De modo que, à medida do transcorrer do tempo, mais habilidades vão desenvolvendo e conhecimentos adquirindo. Contudo junto com esta dádiva, eles *experimentam* na Terra Média *o fardo do tempo*, uma vez que vêem as coisas que amam consumirem-se, não acompanhado-os em sua imortalidade. E, aqui, vemos Tolkien enveredar por um caminho tão cercado de segredos e mistérios quanto o mal, a saber, a própria *morte*.

Desta dor ouviremos Galadriel dizer a Sam e Frodo que “*o amor dos elfos por sua terra e seus trabalhos é mais profundo que as profundezas do Mar, sua tristeza é eterna e nunca*

¹⁸ DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA. P. 1076. (Sto Agostinho. Confissões III 7,12)

¹⁹ Idem, ibidem, p. 283.

²⁰ SdA I. P. 84

²¹ Carta N° 156 P.203.



*poderá ser abrandada*²². Esta tristeza por ver as realidades amadas enfrentarem a morte levaram os elfos a confeccionar os três anéis mágicos²³, a fim de “preservar todas as coisas imaculadas”²⁴. Como os homens que buscam encontrar um sentido para a inevitabilidade da morte, aqueles que não conseguem por ela passar, tentam conservar as realidades que desvanecem. Por este motivo teve Frodo a sensação de estar num santuário ao passar por Lórien, “sentia que como se estivesse numa terra eterna, que não perdia o viço ou se alterava ou caía no esquecimento”²⁵.

Decerto, era intenção do autor considerar como elfos e homens, se portariam diante deste “último inimigo a ser destruído”²⁶, a morte. Mas, considerava, Tolkien, a morte como um inimigo ou tinha ela alguma benevolência? Em uma de suas cartas Tolkien afirmará que

“a visão do mito é de que a Morte (...) não é um castigo pela Queda, mas uma parte biologicamente (e, portanto, também espiritualmente, visto que o corpo e o espírito são integrados) inerente da natureza do Homem. A tentativa de escapar dela é perversa por ser “não-natural” e tola porque a Morte nesse sentido é a Dádiva de Deus (invejada pelos Elfos), a libertação do cansaço do Tempo”²⁷.

Para Tolkien, uma vida imortal²⁸ num mundo onde há a corrupção e maldade não é digna de ser vivida. Para ele a morte, além de fazer parte da evolução do corpo, é um dom dado por Deus, independente da intromissão do mal no mundo.

Providere.

Todos estes eventos e forças a que estão submetidos os povos livres da Terra Média, fazem-nos pensar se estas criaturas não estariam lançadas à própria sorte. E pressentimos isto quando vemos Frodo e os outros hobbits quase serem devorados pelo salgueiro-homem na Floresta Velha, quando o Cavaleiro Negro transpassa Frodo com uma espada causando nele um ferimento mortal, no evento da morte de Gandalf ou no episódio da traição de Boromir. Contudo, não é isto que verificamos ao observar aspectos sutis facilmente despercebidos a olhares desatentos. A primeira delas verificamos logo no início da narrativa numa conversa entre Gandalf e Frodo acerca do Anel.

“Por trás disso havia algo mais em ação, além de qualquer desígnio de quem fez o Anel. Não posso dizer de modo mais direto: Bilbo estava *designado* a encontrar o Anel, e *não* por quem o fez. Nesse caso, você também estava *designado* a possuí-lo”²⁹.

²² SdA. I. p. 388.

²³ Na Carta N°144 Tolkien fala que “os três anéis élficos foram dotados do poder da preservação, não do nascimento”.

²⁴ Idem, ibidem. P. 284.

²⁵ Idem. Ibidem p. 373.

²⁶ I Cor 15,26

²⁷ Carta N °156. P. 204.

²⁸ Foram os elfos que decidiram sair das Terras Imortais e ir para a Terra Média.

²⁹ SdA. I. P. 57



Constatamos, desde já, que *existe uma outra força em movimento*, esta não prevista nem por aquele que confeccionou o Um Anel, Sauron. De modo não menos diferente ouvimos de Gildor, no encontro com Frodo que fugia do Condado depois de aconselhá-lo face à ausência prolongada de Gandalf: “*Nossos caminhos³⁰ se cruzam raramente, por acaso ou de propósito. Neste nosso encontro, pode haver algo mais que o acaso; mas o propósito não está claro pra mim, e temo falar demais*”³¹. Percebe-se, dessa forma, que algo imperscrutável orienta a história.

Curiosamente, ao mesmo tempo da chegada do Um Anel a Valfenda, acorrem a ela criaturas dos diversos povos livres desejosos de aconselhar-se sobre a Sombra que crescia na Terra Média. Durante o Conselho de Elrond, depois de explicado os perigos ocasionados pelo Anel do Poder, ouvimos dele mesmo as seguintes palavras.

“Este é o propósito de todos terem sido chamados aqui. Chamados, eu digo, embora eu não tenha chamado vocês até mim, estrangeiros de terras distantes. Vocês vieram e estão aqui reunidos, neste exato momento, por acaso, como pode parecer. Mas, não é assim. Acreditem que *foi ordenado que nós, que estamos aqui sentados, e ninguém mais, encontremos uma solução para o perigo do mundo*”³².

A esta *força* que tem proporcionado encontros não conjecturados, orientando o curso das coisas e chamando as pessoas para uma missão não-prevista, nós chamaremos de agora em diante de *Providência*. Este termo encontra a sua gênese na palavra latina *provideo*, que significa prever, colocar sob as vistas e providenciar, do qual nós nos serviremos. Vale ressaltar que esta palavra na sua conjugação dativa *providere* pode traduzir-se por *olhar pela salvação de alguém*³³.

Esta Providência diz, portanto, de um olhar benevolente e transcendente ao mundo que *existe em relação a cada ser* (humano) em particular e a toda criação. É esta certeza que levará Gandalf a dizer a Frodo, pelo fato de ter sobrevivido ao ferimento do Espectro do Anel, que “*a sorte ou o destino o ajudaram, para não falar na coragem*”³⁴. Podemos, dessa maneira, inferir que a Providência não deixa desassistidos aqueles que não se colocaram por vontade própria fora deste amparo. Romano Guardini, um dos maiores pensadores católicos do séc XX, nos dirá que:

“Falar de Providência não é tirar ao mundo a sua dureza – pois este continua sendo o que é – mas é dizer que o mundo, com todas as suas necessidades e conjunturas naturais não é fechado em si mesmo e que, ao contrário, se insere num poder que está a serviço de um pensamento mais alto do que ele”³⁵.

Outras situações na composição narrativa desta primeira parte do Senhor dos Anéis nos dizem da assistência deste desígnio divino. A saber, quando Frodo e seus amigos hobbits são salvos das raízes do salgueiro-homem na Floresta Velha por Tom Bombadil, um espírito da floresta. Ou quando Passolargo encontra o elfo Glorfindel, que apressando a cura de Frodo, leva-o rapidamente para Valfenda e livra-o da nova perseguição dos Cavaleiros Negros. De modo ainda mais insondável a vemos agir suscitando àquele que deveria ter o encargo de levar o anel à

³⁰ Do encontro de elfos e hobbits.

³¹ SdA. I P. 87

³² SdA. I P. 256

³³ Provideo no dativo: Saluti alicuius **providere**. Dicionário latim português. P. 412.

³⁴ SdA I. P. 234.

³⁵ GUARDINI, Romano. *O Deus Vivo*. P. 30.



Fenda da Destruição. “Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as suas próprias palavras, como se alguma outra vontade estivesse usando sua pequena voz. – Levarei o anel – disse ele. - Embora não conheça o caminho”. Em síntese, a Providência se revela escolhendo pessoas, por vezes despreparadas, em tempos difíceis como foi o final da Terceira Era na Terra Média, para responderem a um chamado e missão irrenunciáveis.

Dito estas coisas concluímos que, enquanto Sauron é uma espécie de *reformador*, os elfos, por sua vez, são *embalsamadores*, e tanto um quanto outros pecam ao querer deformar a boa criação ou ao querer conservar as coisas para não vê-las desvanecerem, respectivamente. E se do mal é constatado o mistério da iniquidade, a morte é apresentada por Tolkien de outro modo, em seu sentido positivo, posto que é dádiva de Deus. Afirmamos que, permanecendo o direito de criar ao que é Transcendente e Providente, Este possui uma *santidade*, que no sentido judeo-cristão traduz-se por separado. Inviolável em sua bondade e afastado do mal e de sua perversidade.

Em suma, esta obra “onde o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo”³⁶ possui larga aplicabilidade teológica. Podendo, inclusive, ajudar o homem moderno a refletir sobre importantes questões existenciais e temas, mesmo, da fé cristã como o problema do mal, da morte e a atuação da providência.

REFERÊNCIAS

Dicionário Crítico de Teologia. Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

Dicionário Latim-Português. Porto: Porto Editora, 2000.

Sobre Histórias de Fadas. J. R. R. Tolkien.

As Cartas de J. R. R. Tolkien. Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien.

O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel. J. R. R. Tolkien.

Aceitação de Si Mesmo e As Idades da Vida. Romano Guardini. São Paulo: Palas Athena, 1987.

O Deus Vivo. Romano Guardini. Lisboa: Editorial Aster.

³⁶ Carta 142.